

## Entre várias denúncias atira Pedro Mesquita "Nacala Porto é um dos pontos de entrada/desembarque de heroína"



Pag. 07

Laura Nhauleque  
"O diálogo que produz  
paz e desenvolvimento"

Pag. 05

Pag. 03 e 06

Ainda sobre as eleições distritais

**"Membros da CRED foram amamentados  
pelo marxismo leninismo"**

Abandone-se o recenseamento

**"Votaremos com bilhete  
de identidade"**



# Narcoestado; Estado cujas instituições e economia dependem do tráfico de droga



Moçambique é um Narcoestado controlado pelo partido Frelimo em que o seu Presidente e família controlam o negócio do tráfico da droga, Heroína e Cocaína.

Mais nada interessa ao Sr. Nyusi senão acumular dinheiro, propriedades e poder, tendo tornado nos últimos anos um dos países mais ricos da África Oriental num dos países onde a sua população passa fome e vive de modo miserável, apesar dos biliões de dólares de ajuda internacional e de rendas provenientes do carvão, gás natural, rubi, grafite, areias pesadas, etc..

Tudo, mas tudo desaparece nos meandros da corrupção dos Neocolonialistas da Frelimo de Maputo.

O Sr. Fuminho um traficante de cocaína brasileiro viveu 11 anos pouco escondido, em Maputo, numa residência vizinho do Sr. Nyusi no Palácio da Ponta Vermelha, o Sr. Florindo o filho do Presidente era o sócio do Sr. Fuminho.

Durante a pandemia em que os aeroportos de todo o mundo estavam fechados um Jacto da Força Aérea Brasileira veio buscar o Sr. Fumi-

nho a Maputo e por terras da Costa Oriental africanas nada mais se soube de tal personalidade do PCC.

Mas o tráfico de droga na costa moçambicana não parou, Nacala Porto é um dos pontos de entrada/desembarque de heroína, o ex procurador de Nacala o Sr. Tonela era um dos cabeças grandes desse tráfico, junto com o advogado Simoco, líderes da Frelimo local em Nacala Porto e frequentadores habituais do hotel do Sr. Nyusi em Matibane onde as orgias eram frequentes, regadas a cocaína.

Rui Chong Saw, ex Presidente do Município de Nacala Porto, pela Frelimo, era o sócio do Sr. Chang ex ministro da economia que se encontra preso na África do Sul a aguardar extradição para a América, diz-se que devido às Dívidas Ocultas.

Será que o interesse dos Americanos e da DEA no Sr. Chang é devido a uns pedaços de papel que os americanos imprimem aos biliões??

Não, não é o americano e a DEA estão só à espera de o Sr. Chang chegar à América e ex-

plicar o envolvimento do Sr. Nyusi no tráfico de heroína para poderem dar ordem de prisão ao Sr. Nyusi e à sua família.

O Sr. Chang só irá para a América após o Sr. Nyusi ser afastado de Presidente de Moçambique, os próprios camaradas da Frelimo estão fartos dos seus negócios, que dão mau nome a Moçambique e lhe negaram o terceiro mandato.

O Sr. Rui Chong Saw (Ruca), outrora um próspero empresário de camiões de Nacala Porto, nada mais era que um testa de ferro do Sr. Chang, logo após a prisão do Sr. Chang na África do Sul a esposa deu indicações para a venda dos camiões e o Ruca mudou-se para Mossuril, parece que o Sr. Nyusi e a família, esquecem rapidamente os amigos, comem tudo e nem os ossos deixam.

Há uns anos atrás a força aérea moçambicana no aeroporto de Nacala tentou abater um drone de uma ONG Espanhola que estava a fazer um trabalho de investigação científica devidamente autorizado sobre as baleias que vêm dar à luz na Baía de Nacala.

Foi tudo preso e computadores apreendidos porque as FADM's que controlam os desembarques de heroína na praia de Relanzapo e na baía de Quissimanjulo não podem permitir ser controlados por drones observadores de baleias.

Grandes veleiros é normal entrarem na Baía de Quissimanjulo e fazerem o desembarque de heroína sob protecção das FADM's.

Infelizmente na semana passada um massacre foi cometido em Quissimanjulo 4 pessoas foram assassinadas pela PRM à queima roupa dizem eles que por balas perdidas.

Che minino, não fala política, não fala politica a velha Chica sabia, mas não dizia a razão de tanta pobreza e de tanto sofrimento.

Um dia Moçambique vai ser livre, livre e independente, dos Neocolonialistas de Maputo.

**Por: Pedro Mesquita**

## PUBLICIDADE

### LUZ DO PENSAMENTO – *Semanário Digital*

#### Preços de Publicidade por Edição

1/1 pág.	10.500,00 MT
1/2 Pág.	6.500,00 MT
1/4 Pág.	4.000,00 MT
1/8 Pág.	2.500,00 MT
Rodapé primeira página	5.000,00 MT
Rodapé de pág. 2 em diante	1.500,00 MT



“Um passo para frente, dois passos para atrás”

## Conjugação da Teoria de Jogos e um “Pedaço” do Leninismo Pode Solucionar Dossier “Eleições Distritais”!...

Por: João Bruno de Moraes

**“Em política o que vale é o pretexto” – Fabius Aécio, General romano**

**Neste últimos tempos políticos, o dossier mais complexo e complicado de solucionar do país, sem margens de dúvidas, é a questão das “eleições distritais”. Nesse sentido não é preciso uma aturada análise para entender que as diversas “posições políticas” que o Governo e a Renamo tomam relativamente aos Acordos de Maputo, assinados pelo Presidente Nyusi e o Presidente da Renamo, General Ossufo Momade têm objetivos bem definidos. Vistas bem as coisas, nada está perdido, nada está ganho nem para a Frelimo e muito menos para a Renamo. O importante é analisar o alcance político dessas mesmas posições. É assim que nós, analisamos mais um desvio da nossa estrada da democracia.**

### Teoria dos Jogos

Para entendermos o nosso malabarismo político interno e externo, fomos buscar a Teoria de Jogos. Dizer que não estamos a inventar a roda, simplesmente estamos a usa-la no nosso terreno.

Ora a Teoria dos Jogos é um ramo da matemática aplicada que estuda situações estratégicas onde jogadores escolhem diferentes acções na tentativa de melhorar seu retorno.

Inicialmente desenvolvida como ferramenta para compreender o comportamento económico e depois usada pela Corporação RAND para definir estratégias nucleares, a Teoria dos Jogos é hoje usada em diversos campos académicos.

A partir de 1970 a Teoria dos Jogos passou a ser aplicada ao estudo do comportamento animal, incluindo a evolução das espécies por selecção natural.

Devido ao interesse em jogos como o “dilema do prisioneiro” no qual é mostrada a impotência de dois jogadores racionais escolherem algo que beneficie a ambos sem combinação prévia, a Teoria dos Jogos vem sendo aplicada nas ciências políticas, ciências militares, económicas, filosofia e, recentemente no jornalismo, área que apresenta

inúmeros e diversos jogos, tanto cooperativos como competitivos.

Finalmente, a Teoria de Jogos despertou a atenção da ciência da computação que a vem utilizando em avanços na inteligência artificial e cibernética.

A Teoria dos Jogos tornou-se um ramo proeminente da matemática nos anos 30 do século XX, especialmente depois da publicação em 1944 de *The Theory of Games and Economic Behavior* de John von Neumann e Oskar Morgenstein.

A Teoria dos Jogos estuda decisões que são tomadas em um ambiente onde vários jogadores interagem. Em outras palavras, a Teoria dos Jogos estuda as escolhas de comportamento óptimo quando o custo e benefício de cada opção não é fixo, mas depende, sobretudo, da escolha dos outros jogadores.

### Soma zero versus soma diferente de zero

A Teoria de Jogos tem como objecto analisar situações onde o resultado de acção do indivíduo, grupo de indivíduos ou instituições depende substancialmente das acções dos outros envolvidos. Portanto, a Teoria dos Jogos modela o comportamento, quer dizer, cria ferramentas que permitem analisar as acções de indivíduos num dado contexto com rigor matemático.

É nesse âmbito que surge a “soma zero” que descreve a divisão de uma quantia fixa entre os participantes, ou seja, o que ganha um, perde outro. Assim se os ganhos e consequentes perdas acontecem com uma certa probabilidade, o jogo torna-se uma dinâmica estocástica, ou seja, um processo que depende das leis do acaso, como por exemplo, o “lançamento de dados”. Em resumo, um jogador só pode ganhar se o outro perder.

Já os jogos de soma não nula ou de soma diferente de zero são aqueles que não respeitam as condições que caracterizam os jogos de soma nula, isto é, são aqueles cujo somatório dos pagamentos efectuados a todos os jogadores não é nula.

Agora a pergunta que nunca se “calou” no seio do povo moçambicano é a seguinte: porque é que o Governo liderado pela Frelimo e a Renamo nessa “embrulhada” das “eleições distritais no contexto da Teoria de Jogos está a aplicar a soma zero ao invés de

soma diferente de zero?

Porque um tem que ganhar em detrimento do outro? Não seria razoável, ambos “equilibrarem-se” a favor da estabilidade sociopolítica do país?

Nesse sentido porque o Governo da Frelimo assim como a Renamo não utilizam a “soma diferente de zero” para solucionar o dossier “eleições distritais” em definitivo tendo em consideração o Equilíbrio de Nash?

### Equilíbrio de Nash

John Nash que venceu o Nobel de ciências económicas em 1994 não tendo inventado a Teoria dos Jogos ampliou a análise para além do “eu ganho, voce perde”. Propôs um modelo matemático que ilustra uma situação em que, num jogo envolvendo dois ou mais jogadores, nenhum dos jogadores tem a ganhar alterando a sua estratégia de forma unilateral.

Assim, o matemático passou a explorar situações mais complexas na qual todos os jogadores poderiam ganhar ou perder ao mesmo tempo. O conceito central foi chamado de “equilíbrio de Nash”, definido como um estado estável no qual nenhum jogador pode ganhar vantagem por meio de uma mudança unilateral de estratégia, considerando que os outros participantes também não mudem o que estão fazendo. Em suma, o equilíbrio de Nash dá-nos um sistema estável de competição.

O “Dilema do prisioneiro.” pode-nos elucidar com mais clareza o “equilíbrio de Nash”. Vejamos:

Imagine que você e um conhecido são acusados de cometer um crime juntos.

Cada um é colocado numa cela individual e é interrogado.

As opções oferecidas pela polícia são simples – se você denunciar o seu suposto comparsa, fica livre na hora enquanto o sujeito vai ficar na prisão.

Por outro lado, se nenhum dos dois “abrir a boca”, vão ter de aguentar mais alguns dias de prisão preventiva mas depois ambos sairão livres.

Porém, se ele resolver te entregar enquanto você permanece calado, quem terá pena pesada é, claro, você mesmo, enquanto o seu comparsa denunciante escapa.

## “O nosso país pode se auto sustentar”



**Por: Edson Cossa**

Obrigado por me elegerem presidente do vosso maravilhoso povo. O nosso país não está bom e preci-

samos trazer soluções. Como presidente sugiro que comecemos pela educação, vamos melhorar a comuni-

cação entre nós que isso é vai nos libertar, vamos garantir a nossa moçambicanidade, vamos dar continuidade do ensino bilíngue, as nossas línguas nacionais nas escolas primárias, e serão postas em prática em todas as escolas do país, sem distinção de zonas.

Vamos tentar melhorar o custo de vida no país, criando mais facilidades para jovens poderem expor suas ideias porque as precisamos e é a partir delas que melhoraremos a nossa vida. Eu como presidente tenho noção de que as ideias dos jovens são para mim uma assessoria e delas vamos desenvolver.

Vamos expandir as vias de acesso para fa-

cilitar a mobilidade, temos que acabar com os congestionamentos, aumentar as vias e unir a cidade.

Vamos acabar com a corrupção colocando penas mais severas aos cidadãos corruptos.

Não vamos nos esquecer do sector da agricultura, vamos criar mecanismos que fortifiquem o desenvolvimento e vamos acabar com a fome. O nosso país pode se auto sustentar e é isso que vou fazer. O nosso país não será mais dependente para questões de comida na mesa, a nossa terra pode e assim será, minha promessa. Vamos procurar garantir bolsas para qualificar mais moçambicanos e garantir o desenvolvimento tecnológico.

**PUBLICIDADE**



**ethale**  
Publishing

# Um recenseamento vergonhoso

A quem pertence a autoria do filme chamado recenseamento eleitoral?

À CNE, pelo menos oficialmente pode-se dizer que está fora de cogitação ou deveria estar, visto que a sua função não prevê oportunidades para que se exponham a tanta balbúrdia. O recenseamento eleitoral que decorre para as autarquias que se avizinham tem se revelado hora após hora do seu decurso uma vergonha nacional, uma desorganização de afinar por debaixo dos tapetes. Tudo corre sob queixas, denúncias, lamentações e processos, típico da ausência de responsabilidade o que nos leva a procurar os responsáveis mesmo sabendo que tal tentativa será em vão, pois não existe nenhuma entidade capaz nem de sentir e muito menos de assumir tamanha falta de organização, ou melhor, ninguém tem vergonha dessa falta de vergonha toda. Talvez a CNE tenha alguma vergonha tendo em conta as medidas perante algumas acções vergonhosas dos directores responsáveis por essa falta de vergonha toda, portanto, parece que não é a CNE a dona da vergonha.

Se esta sigla eleitoral não nos pode dizer muito, quem será en-

tão responsável por essa bagunça toda?

Acusa-se ao STAE. Obvio que é mais lógico do que se acusar a CIA pela guerra entre Ucrânia e a Rússia. O STAE é a entidade responsável pela execução das actividades relacionadas ao processo eleitoral e o recenseamento é uma delas. Foi sempre assim, o STAE faz o seu trabalho, a CNE fiscaliza e o recenseamento acontece, mas não se pode deixar de dizer também que a desordem nunca faltou nos afazeres do secretariado técnico de administração eleitoral e sempre foi no critério fraudulento. A comissão nacional de eleições nunca também fiscalizou o suficiente a ponto de evitar ou fazer desaparecer definitivamente as lacunas laborais do STAE no que tange ao processo eleitoral. Isso impedem-nos, sob o risco de engrenarmos para injustiça, de responsabilizar este órgão também de sigla eleitoral por este motim nacional que tem manchado os processos no país. Ao que tudo indica, o STAE assim como a CNE não fazem o que podem e muito menos o que devem no desempenho das suas funções, simplesmente cumprem missão e mesmo por isso a dúvida continua.

Se nem o STAE nem a CNE são os verdadeiros responsáveis pela organização dessa desorganização toda, a quem então se vai responsabilizar?

Este facto começa a exigir que se vá para além de simples análises. Lembremo-nos que isto está tão vergonhoso que envolve até roubos das tais máquinas, o que também contribui para o afastamento da questão analítica e empurra-nos para questão investigativa, ou seja, como isto vem acontecendo possibilita a ocorrência de vários crimes pois trata-se de uma sabotagem que envolve ladroagem, falsificação, burla, etc. O mais caricato nesse filme todo é que indivíduos da polícia estão envolvidos na sua maioria como prevaricadores e isso põe em causa tal investigação, neste âmbito, poderemos até tentar mas não teremos resposta à suposta investigação, a não ser que a faça um especialista e bem mais corajoso porque a nós, basta-nos saber o beneficiário deste recenseamento eleitoral tão vergonhoso que encontrámos então o responsável. Mas porque a nós também envergonha essa forma de proceder, sugerimos: abandone-se o recenseamento e votaremos com o bilhete de identidade.

## FICHA TÉCNICA

Director Editorial: Douglas Madjila

Administração: Hélio Pinto ; Contactos: 841385148 / 87 3017860

Redacção: Benta Edith, Orlando Júnior, Jéssica Monteiro Redacção : 87 5308210/ 82 3308210

Numero de Registro de Entidade Legais: DISP.67/GABINFO-DEPC/210/2022

Endereço: Av. Amílcar Cabral, 1542 1º andar ; Cidade de Maputo Email: luzdopensamentomz@gmail.com



DO PENSAMENTO

**Continuação da Pag 03**

Finalmente, se os dois decidirem passar a perna um do outro ao mesmo tempo vão passar um tempo menos na cadeia do que passariam num cenário de traição individual.

Portanto, como se depreende existe um solução matematicamente indiscutível para o dilema do que fazer na situação acima. E ela não é nada simpática, sempre que haja traição.

Como você e o suposto comparsa não tem razão nenhuma para serem legais um com o outro, não tem como negociar uma colaboração por estarem separados, você sempre vai ganhar mais ou , no mínimo perder menos – passando a perna no outro. O risco de ser legal é acabar virando o traidor da história.

Assim ficar calado seria melhor estratégia. Se ambos fizerem isso, o pior que poderia acontecer seria passar alguns dias na cadeia e depois saírem livres da cadeia.

Neste contexto, felizmente ou infelizmente a opção de “ficar de bico calado” por parte do Governo e da Renamo tem sido a melhor solução para resolver esse grande “embrulho” das eleições distritais que tem sido adiado, desde os Acordos de Roma e o Presidente Nyusi e o General Ossufo Momade tem sido grandes intérpretes dessa opção – de não abrirem o “bico”.

Não é por acaso que sempre que necessário, os dois representando a Frelimo e a Renamo se juntam na Presidência da República, diga-se de passagem as “escondidas”, para acertarem as suas posições políticas.

**Terceiro mandato como incentivo**

O jogo entre a Frelimo e a Renamo que se desenrola desde 1992 ficou momentaneamente desequilibrado devido a introdução de uma nova variável na equação do jogo – o suposto terceiro mandato à custa de pretextos políticos.

Ora para aqueles que não conhecem de facto quem manda e domina o jogo pode estar a pensar que o “suposto terceiro mandato” surgiu do nada! Não, o “suposto terceiro mandato” para além de surgir como elemento desequilibrador também serviu como incentivo do próprio jogo. Primeiro para efectuar transformações e escolhas próprias da Frelimo e segundo para provocar “atritos de circunstâncias” na Renamo -caso dos Generais insatisfeitos com Ossufo Momade.

Nessa óptica por tempo definido matematicamente eis que surge a...

**CRED**

Comissão de Reflexão das Eleições Distritais – um perfeito golpe de génio político da Frelimo, uma variável que equilibrou de novo o jogo. Assim estando o jogo de novo equilibrado a Frelimo jogando no seu campo pois detém o poder do Estado concedeu a CRED, margens de manobra aceitáveis e sustentáveis que culminaram com diagnósticos, caracterizações e, por fim, sugestões que desaguaram na Assembleia da República.

No entanto foi sem sombras de dúvidas o “sopro leninista” de figuras históricas da Frelimo (ACLLN) no último Comité Central que acelerou a dinâmica da CRED no sentido da mesma propor que as eleições distritais fossem adiadas mas não eliminadas, uma típica clássica acção do leninismo - um passo para frente, dois passos para atrás devido ao...

**Aleitamento do marxismo leninismo**

O livro escrito por Vladimir Lenine em 1904 “um passo para frente, dois passos para atrás” foi o motor ideológico que contribui cirurgicamente para a Revolução de Outubro de 1917.

O livro teve dois grandes objectivos. Primeiro identificar os mencheviques, minoria, aqueles que faziam parte do espirito do círculo e os bolcheviques, a maioria, aqueles que faziam parte das massas e segundo questões de organização no partido.

Lenine com o livro desferiu um golpe demolidor no oportunismo dos mencheviques quanto às questões de organização. O enorme significado histórico do livro consistiu, sobretudo, no facto de Lenine, desenvolvendo a doutrina marxista sobre o partido, ter elaborado os principios de organização do partido revolucionário proletário, e de pela primeira vez na história do marxismo, ter feito uma crítica completa do oportunismo em matéria de organização, tendo mostrado o perigo particular que comporta a subestimação do significado da organização no movimento operário.

Recordar que escrevemos em setembro do ano passado que os camaradas não deveriam se preocupar porque Nyusi também foi amamentado pelo marxismo leninismo e que a Frelimo não estava em condições políticas de potenciar lutas internas.

Também nota-se sem muita dificuldade que os membros da CRED pela experiência e idade, politicamente também foram amamentados pelo marxismo leninismo...

Nessa perspectiva o que restava a CRED se não propor um recuo estratégico. Portanto uma jogada por ali, outra acolá tanto da Frelimo assim como da Renamo vai equilibrar o jogo político nacional porque ninguém pretende ganhar sozinho e muito menos perder sozinho.

Definitivamente a clara conjugação da Teoria dos Jogos e um “pedaço” do Leninismo pode solucionar o dossier “Eleições distritais”.

“Em política o que vale é o pretexto”.



Quinta-Feira, 25 de Maio de 2023

**Tabela Cambial**

	<b>Compra</b>	<b>Venda</b>
<b>USD</b>	63.25	64.51
<b>ZAR</b>	3.30	3.33
<b>EUR</b>	68.20	69.56



Laura A. Nhaueleque

## Diversidade Cultural, Diálogo e Paz para o Desenvolvimento Sustentável

Desde 2002 para cá, as Nações Unidas consagraram o dia 21 de Maio como momento de reflexão sobre a importância e papel da diversidade cultural para o diálogo que produz paz e desenvolvimento. Antes da instituição do 21 de Maio, em 2021, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), lançou a Declaração Universal sobre a diversidade cultural. Neste documento, a organização reconhecia a indispensabilidade de aumentar a potência da cultura como meio de alcançar a prosperidade, o desenvolvimento sustentável e coexistência pacífica mundial.

O tema da cultura é um dos assuntos essenciais dentro da ONU sobretudo para a UNESCO, que o associa com o diálogo, paz e desenvolvimento. Portanto, a partir do diálogo intercultural é possível semear uma convivência de paz e promover várias dimensões de desenvolvimento sustentável.

Em muitas partes do mundo, sobretudo em países de baixa renda, existem grandes problemas de não-aceitação ou da intolerância

das diferenças e pluralidades culturais. Estas intolerâncias, por sua vez, geram tratamentos desiguais entre pessoas do mesmo espaço geográfico, o que desagua, quase sempre, em guerras altamente destruidoras, a maioria delas tendo como seus palcos, países africanos e asiáticos.

É por isso que a UNESCO, consciente destes problemas e atrocidades vindos de choques entre culturas diversas, afirma que a diversidade cultural é tão necessária quanto a biodiversidade para a natureza a qual constitui uma herança comum da humanidade.

É a partir daqui que se pode concluir que, não existe uma hierarquia cultural ou culturas hegemónicas, porém, um mosaico cultural. Porque – como define a própria UNESCO no seu preâmbulo da declaração universal da diversidade cultural de 2001 – a cultura deve ser considerada como um conjunto distinto de elementos espirituais, materiais, intelectuais e emocionais de uma sociedade ou de um grupo social. Além da arte e literatura, ela abarca também os estilos de vida,

modos de convivência, sistemas de valores e crenças. As culturas por serem um património *comum*, não podem, nem devem ser desligadas do princípio dos direitos humanos.

Em contextos onde a protecção, promoção e as políticas públicas funcionais sobre a diversidade cultural são fracas ou quase inexistentes, é posta automaticamente causa a igualdade, a dignidade e o respeito pelo outro como culturalmente diferente. Esse comportamento pode comprometer ou compromete significativamente – nos dizeres da UNESCO – o desenvolvimento sustentável.

*A cultura oferece uma oportunidade única de conciliar os aspectos económicos e sociais do desenvolvimento – bens e serviços culturais têm identidade, pontos de referência e valores, ao mesmo tempo em que permitem que milhões de criadores, artistas e profissionais ganhem a vida com o seu trabalho.*

*Portanto, a celebração da diversidade cultural significa permitir que eles pratiquem suas atividades assim como os ajude a enriquecer a paisagem cultural, o que por sua vez nos enriquece.*

	Assinaturas		
	Mensal	Semestral	Anual
Instituições/Função Pública	1700.000MT	10.000MT	20.000MT
Embaixadas e Fora do País	100 USD	550 USD	950 USD



## OS DETETIVES URBANOS: As sombras no submundo dos trânsitos

Por: Acheagar Tiodósio Matias

Numa manhã cinzenta em Pemba, a cidade litorânea que abrigava um segredo sombrio: a operação ilegal da Polícia de Trânsito, que agia sem nenhum respeito à lei. Camuflados em seus carros particulares, os agentes começavam suas caçadas aos condutores, como predadores à espreita. Não visavam à fiscalização da ordem e da tranquilidade pública, mas sim a oportunidade de extorquir motoristas inocentes.

Os "trânsitos", como eram conhecidos os membros dessa brigada móvel de trânsito, escondiam-se nas sombras, esperando o momento certo para atacar. Eles ignoravam os sinais de trânsito, dispensavam a necessidade de cones e agiam como fantasmas invisíveis aos olhos dos cidadãos. Era uma perseguição silenciosa, onde o condutor desprevenido poderia cair na armadilha a qualquer momento.

Aqueles que ousavam estacionar seus veículos de forma irregular ou dirigir de maneira não convencional eram os alvos prediletos dessa polícia clandestina. Quando a presa era capturada, o agente emergia das sombras, ordenando ao motorista a parar. A sensação de medo e incerteza pairava no ar, enquanto o infractor era confrontado com uma violência institucionalizada.

E assim, iniciava-se o jogo sujo, onde as multas se transformavam em uma moeda ilícita. Ser parado por um "trânsito" não significava apenas uma reprimenda ou um aviso, mas sim a certeza de que a extorsão estava prestes a ocorrer. O motorista se via obrigado a abrir a carteira e entregar uma quantia em dinheiro, enquanto a dignidade era pisoteada impiedosamente.

Em meio a essa prática corrompida, pairava uma pergunta angustiante:

seria esse o único meio de sobrevivência para os agentes de trânsito? Será que o Estado falhava em pagar-lhes os salários, empurrando-os para essa senda obscura de extorsão? Ou seria a corrupção um câncer que corroía a ética e a moral desses indivíduos?

A tristeza se espalhava pelas ruas de Pemba, manchando a paisagem com um véu de desconfiança e medo. A população já não se sentia segura nem mesmo diante dos semblantes saturnos desses agentes clandestinos. Os "chapeiros" - motoristas de passageiros semi-coletivos, que dedicavam suas vidas ao transporte urbano - eram vítimas frequentes desse jogo perverso.

No entanto, em meio a toda essa opressão, havia uma luz tênue de esperança. A sociedade começava a despertar para a necessidade de mudança. Movimentos de cidadãos, organizações não governamentais e indivíduos corajosos se uniam em prol de um futuro melhor, onde a lei e a justiça prevalecessem.

A batalha estava apenas começando, mas a voz da indignação se fazia cada vez mais presente. Era hora de desmascarar a obscuridade que envolvia a polícia de trânsito de Pemba e restaurar a confiança naqueles que deveriam proteger e servir a população.

A sociedade civil se unia em protestos pacíficos, exigindo transparência, ética e punição para os agentes corruptos. As redes sociais tornavam-se plataformas de denúncia, onde relatos de abusos e extorsões eram expostos ao mundo, ampliando a pressão sobre as autoridades responsáveis.

A mídia independente também desempenhava um papel crucial, investigando e divulgando as irregularidades cometidas pela polícia de trânsito. Ar-

tigos de jornais e reportagens na televisão traziam à luz as histórias dos motoristas injustiçados, dando-lhes uma voz e encorajando outros a compartilharem suas experiências.

A pressão era intensa, e finalmente as autoridades começavam a agir. Uma força-tarefa foi criada para investigar as denúncias, afastar os agentes corruptos e implementar medidas de controle e transparência. Gradualmente, os "trânsitos" começaram a perder seu poder obscuro, à medida que a justiça avançava.

O processo de reforma era lento e complexo, mas a determinação da sociedade não arrefecia. Conscientização e educação se tornaram pilares fundamentais nessa jornada. Programas educativos foram desenvolvidos para ensinar aos cidadãos seus direitos e deveres no trânsito, capacitando-os a enfrentar qualquer abuso de poder.

À medida que a corrupção ia sendo desmantelada, a confiança na polícia de trânsito começava a ser restabelecida. Aos poucos, os motoristas voltavam a acreditar que os agentes estavam ali para protegê-los e garantir a segurança nas vias.

Pemba se transformava em um exemplo de superação e renovação. A cidade, antes envolta em um clima de medo e opressão, renascia com uma nova perspectiva de ordem e justiça. Os cidadãos se uniram em um esforço coletivo para construir uma sociedade mais justa e responsável.

E assim, o sol começava a brilhar novamente sobre as ruas de Pemba. A luz da esperança rompia as nuvens sombrias da ilegalidade, abrindo caminho para um futuro em que a polícia de trânsito fosse verdadeiramente uma aliada da comunidade, trabalhando em prol da segurança e do bem-estar de todos.



# EDIÇÃO ESPECIAL DE RÓTULOS “SALVEM-NOS”





## “É GRAÇAS À FRELIMO”: DO LITERAL AO FIGURADO

Por: Gerson Francisco Marques

Em épocas de campanha eleitoral, tem sido de apanágio do Partido Frelimo a utilização do lema: **“A Frelimo é que fez, Frelimo é que faz”**, sendo um latente auto-reconhecimento dos feitos daquele Partido político. E na base desse *slogan*, muitos dos cidadãos moçambicanos acabam por se contentar de que tudo o que há hoje no país, surgiu Graças à Frelimo. Até que poderíamos celebrar pelos feitos desse partido político, mas, o que o mesmo nos demonstra hoje é vergonhoso, sendo alvo de muitas críticas e lamúrias, respectivamente. Nos últimos anos, a aplicação da frase *“Graças à Frelimo”* é usual em todo canto do país e, é comum acompanhar discursos populares que enfatizam o seguinte:

• *“Mais um dia! O sol está a raiar Graças à Frelimo”;*

• *“Graças à Frelimo a chuva está a cair”;*

• *“Nós que não confiamos em nada, já acordamos, e é Graças à Frelimo que colocamos o pão na mesa”;*

Na realidade, a hegemonia do Partido Frelimo, ofuscou na totalidade os partidos da oposição e, conseqüentemente, o país tornou-se órfão de oposição. Por conta desse domínio, praticamente vitalício, o povo acaba por se conformar em tudo o que vem do partido no Poder, tanto bom quanto mau, suscitando discursos irónicos como *“Graças à Frelimo”* hoje acordei [...].

Em muitos dos comícios distritais desse Partido, é vulgar ouvir discursos falaciosos, com *argumen-*

*tos da população*, como por exemplo: *Se hoje o nosso distrito tem um Hospital, é “Graças à Frelimo”;* *Se temos uma boa estrada é “Graças à Frelimo”;* *Se temos o sistema de abastecimento de água é “Graças à Frelimo”,* e como se não bastasse, a população, na sua inocência e ignorância acaba acreditando em tais argumentos, ainda que cientes da sua instabilidade social. Mas a pergunta que nunca se cala é, *se tudo o que existe em Moçambique é Graças à Frelimo, então qual é o Papel do Governo?*

Portanto, parece que a ironia do Graças à Frelimo, é consequência das acções desse partido na robotização do povo moçambicano, cegando, no entanto, o povo no geral, que acredita em tudo, ainda que estando ciente dessas falácias contestáveis.

## PUBLICIDADE

# Potlatch

*business consulting*

---



# MARCHA DA LIBERDADE 24 DE JUNHO DE 2023

**IN** DEPENDÊNCIA É POVO NO PODER  
DEPENDÊNCIA É LIBERDADE

**MAPUTO**  
**CONCENTRAÇÃO**  
Por anunciar em breve





Paco Planelles / Espanha

## VAMOS "SEM ANIMUS CRISPANDI" ÀS ELEIÇÕES!

Uma realidade que a sociedade de hoje deve ter presente aqui, ou além das nossas fronteiras, é que, nós, os espanhóis, além de podermos gozar -hoje, de alguns direitos fundamentais que correspondem a todos nós como cidadãos livres em um Estado Social, Democrático e de Direito; Também, temos aqui, no reino de Espanha, um grave problema de instabilidade política, económica, laboral e social ao enfrentar, finalmente!, as próximas Eleições Autárquicas e Autônomas deste mês de Maio; ou seja, as do domingo, 28 e seguintes, com as gerais do mês de dezembro,...(?)

Sim!, amigos, em nossa atual vida democrática, temos muitos outros direitos específicos adicionais, como poder expressar - aqui e agora, nossa opinião "pessoal e intransferível" para votar em novos políticos - à direita e à esquerda do arco parlamentar, e "jogar fora" outros maus vereadores ou governantes autônomos com votos cidadãos livres para o Governo dos Municípios e Autonomias Espanhóis e do próprio Governo central em nossa ainda existente Monarquia parlamentar. E, se isso é verdade, não é menos verdade que os políticos e governantes espanhóis nem sempre puderam escolher seus problemas, seus objetivos ou sua paz social.

Sabemos, e assim afirmou - em artigo de jornal anterior intitulado: SEM ANIMUS CRISPANDI; publicado há três anos nestas mesmas páginas do Facebook que,

- "...Na presidência do Governo de um país, como em tantas outras coisas, tomar decisões sérias requer maturidade, meditação, discrição e silêncio por parte do atual governante, e isso não pode ser feito com mentiras," fake-news", "fofoca / fofoca"; acompanhado por uma banda de porta-vozes e conselheiros à frente; esvaziando a voz solenemente e pavoneando-se diante dos respeitáveis, um dia sim, e outro também com o típico insípido: "Blá, blá, blá,..." presidencial; ou seja, "Paróle, paróle, paróle..." Verbiagem vã, de um narcisista ideológico sutil imposto, cheio de arrogância e distanciamento indiferente...".

Aquela forma e modos de agir não correspondem a um estadista, a um governante rigoroso e sério que deveria oferecer - face à grave e persistente situação socioeconómica, política, laboral e sanitária que o país e os seus cidadãos atravessam "algumas palavras verdadeiras"; palavras verdadeiras pronunciadas no final da tarde de qualquer púlpito oficial aqui, ou além de nossas fronteiras. Essa forma de

agir é a de um demagogo; mentiroso, trapaceiro e trilero que ignora isso,

- "A palavra é dizer a verdade, não encobri-la" (José Martí)

Essa forma de agir não é a de alguns vereadores e governadores que já percorreram muitos caminhos, e sabem o que há no final deles; que sabem quais são os ventos que trazem os possíveis dilúvios do confronto civil; sabem muito bem o que se pode esconder por detrás de cada gesto, palavra, manifestação, arrombamento ou cerco de pessoas honradas e palavras proferidas em recintos parlamentares; que viram como os balões dos nacionalismos independentistas se enchem, sem os furar; que adivinham o que se esconde por trás de cada lisonja verbal ou escrita e de cada ameaça separatista; que sabem retroceder na ação e nos propósitos de seus inusitados companheiros de viagem populistas, para se lançarem rumo a futuros incertos...

Se seguíssemos esses políticos e governantes, a noite seria muito longa, a convivência seria quebrada e nossa vida social e familiar seria estilhaçada com suas inusitadas propostas po-

pulistas, bolivarianas ou sociocomunistas com o correspondente caos econômico, político, trabalhista e social criado. .

Como eu disse no meu anterior,

- "...A resposta a esta classe de governantes é NÃO!, porque na sua ignorância doutoral nos seus Mestrados, pré-fabricados títulos universitários "Cum Laumden", não compreendem a linguagem da estrada e o modo de andar do povo, porque eles não querem entendê-lo."

E não vou mais longe, se não lanço estes versos que um bom amigo da alma gritou ao governante do dia,

- "Eu entendo sua dor, eu sei; e sua tristeza e relutância que nasceram da alma ao seu lado vão. O que você achou, presidente? Você pensou que a alma não vinga; negando a paz e a felicidade? Eu sei!Eu sei!... sua velha história, uma mentira taciturna, que o tempo desmentiu. Como é belo e fértil o tempo! Você pensou que viver é apenas passar pelo Palácio do Governo de La Monclóa? Você pensou que, ao passar, não faria nada e seria o centro das atenções desta nobre e bela Nação?"

PONTO FINAL

